

## OS GRANDES MALES ATUAIS DA HUMANIDADE E SUAS CAUSAS

Por Flavio Tavares de Lyra

Fonte: <http://flavio.lyra.blog.uol.com.br>

Não será difícil chegar a consenso que os grandes males que afetam o mundo atual são a pobreza e a fome, o desemprego, as guerras e a destruição da natureza. Deixo de lado as calamidades naturais que, até certo ponto, independem da ação humana, muito embora possam ser por elas agravadas. Todos os demais males, de uma maneira ou de outra, acabam sendo derivações, maiores ou menores, dos acima mencionados.

Não deixa de ser surpreendente que depois das importantes mudanças ocorridas no mundo, no decorrer dos últimos trezentos anos, traduzidos em expansão notável da capacidade humana de produzir bens e serviços, graças ao indiscutível avanço no campo do conhecimento científico e tecnológico, ainda persistam tais mazelas afetando parcelas substanciais da população. Tudo isto acontece, em circunstâncias em que existem excedentes imensos de alimentos mantidos por alguns países, desperdícios enormes, instalações produtivas ociosas, sentimento difundido de que as guerras são odiadas e nefastas e de que a deterioração do meio ambiente ameaça a própria vida na terra.

Os homens ao nascer não são bons nem maus, são seres em potência. Sua mobilização para bem ou para o mal é, portanto, o resultado das condições em que se desenvolvem e das organizações que eles mesmos criam, e em que atuam, durante sua existência. Sendo assim, é possível concluir que a humanidade ainda não conseguiu avançar o suficiente em matéria de criação de condições que favoreçam o desenvolvimento do potencial de bondade que existe em seus membros, a ponto de afastar os grandes males que afligem sua maioria.

Ninguém desconhece que o homem, na condição de animal, é naturalmente movido por seus instintos, que são indiscutivelmente egoístas, porquanto voltados para a preservação da vida. Mas, diferentemente dos demais animais, como já dissera Rousseau, o homem através da liberdade de escolha que o caracteriza não é um escravo das forças da natureza, podendo conduzir seu destino.

Que fatores, pois, têm impedido que a humanidade dirija seu potencial para que os males mencionados sejam afastados e um mundo melhor e mais justo seja conformado?

Ao que suponho, a explicação pode ser encontrada em duas ordens de fatores que juntos sintetizam as insuficiências e distorções das formas de organização social do mundo atual. São elas: a concentração da riqueza e a concentração do poder em mãos de minorias requeridas por e alimentadas por essas formas de organização.

As minorias ricas e poderosas que controlam os países são de fato escravas das próprias organizações por elas criadas e desenvolvidas. Existe um círculo vicioso perverso entre a conduta das minorias privilegiadas e as formas de organização social existentes, que perpetua a concentração do poder e da riqueza.

Os termos do binômio poder-riqueza alimentam-se reciprocamente. Com o poder, as minorias se apropriam da riqueza e impedem que a maioria se organize politicamente para tirar-lhe a força. Com a riqueza as minorias reforçam seu poder.

A pobreza e a fome que assolam os países mais pobres têm muito a ver com as formas predatórias como os grandes países exploram as populações desses países. Centradas na exploração de seus recursos naturais e nos vínculos que se estabelecem no comércio internacional por meio da

exportação de uns poucos produtos que os grandes países controlam as quantidades vendidas e os preços.

Os países mais pobres não conseguem diversificar suas economias, pois se vêem prisioneiros de relações de comércio que desestimulam a produção e a criação do mercado interno.

Por outro lado, os países industrialmente avançados subsidiam sua produção de produtos básicos, particularmente alimentos, gerando excedentes que são lançados no mercado internacional, competindo com a produção dos países mais pobres, impedindo que expandam sua produção e obrigando-os a aceitar os preços aviltados aos quais colocam seus excedentes no mercado internacional. Os excedentes de produtos alimentícios são, muitas vezes, mantidos em estoques que servem para que seus preços no mercado internacional se mantenham pressionados para baixo.

Internamente, nos países menos desenvolvidos a concentração da renda nas mãos das minorias proprietárias impede o acesso dos mais pobres aos produtos básicos e a expansão do mercado interno desses produtos, desestimulando sua produção.

O desemprego involuntário que assola o mundo é um dos flagelos mais daninhos ao ser humano. Nos países menos desenvolvidos, o desemprego é uma constante, seja por que os países não conseguem expandir a produção por falta de capital, de tecnologia e de mão de obra qualificada, seja por que não conseguem competir nos próprios mercados e no exterior com a produção estrangeira, muitas vezes subsidiada.

Enquanto faltam recursos para investimento produtivo, são despendidos bilhões de dólares nos países desenvolvidos, e mesmo nos países mais pobres, com armamentos e manutenção de forças armadas, que os primeiros usam para aumentar seu controle sobre os recursos naturais e os mercados dos países mais pobres, e os segundos desperdiçam em guerras, algumas delas em disputas internas e outras em conflitos com países também atrasados. Estas últimas, quase sempre, estimuladas pelos grandes países ou por grandes empresas privadas.

Por seu turno, os países desenvolvidos, estão sujeitos a crises periódicas produzidas por aumentos na desigualdade na distribuição renda em favor dos mais ricos e poderosos, que obriga as famílias a contraírem dívidas que depois não podem saldar, pois os salários reais são contidos nos períodos de expansão em favor dos aumentos do lucro e da concentração da renda. Os Estados Unidos, por exemplo, estão atualmente com uma taxa de desemprego de 10% da força de trabalho, enquanto suas empresas trabalham com capacidade ociosa, um verdadeiro non sense

As guerras, que consomem milhões de vidas e destroem a capacidade de produção, representam apenas o aprofundamento da política externa dos países desenvolvidos voltada ao controle do mercado internacional de produtos e das reservas de recursos naturais dos países mais atrasados, assim como visando a reafirmação do próprio poder militar. A produção de armamentos nas grandes economias há muito se transformou numa grande indústria que necessita da guerra ou de sua ameaça para manter e expandir a produção e os lucros de seus proprietários.

Sabe-se muito bem que quem promove as guerras não é o povo. São as minorias que concentram o poder e a riqueza. O povo participa com o sacrifício de seus filhos que nelas morrem, com as perdas e os desperdícios envolvidos na produção de armamentos e com os danos materiais que sofre.

Por último, cabe mencionar a destruição do meio ambiente que a busca incessante de lucro por parte dos que controlam o poder e a riqueza estimula permanentemente. O desenvolvimento tecnológico é orientado por essas minorias para gerar lucros e não para propiciar um crescimento econômico saudável do ponto de vista ambiental.

Em resumo, é este o mundo em que vivemos. Controlado por minorias e pelas organizações por

elas comandadas, que só vêem o mercado e os lucros e que, em nome do aumento de seu poder e sua riqueza, levam aos males que nos afligem.

Esse quadro somente pode ser alterado com o avanço da democracia e a redução do poder e da riqueza das minorias privilegiadas. Para tanto, faz-se necessária ação política que produza estados cada vez mais democráticos e participativos, capazes de levar adiante mudanças na ordem econômica e social que levem à redução das desigualdades de poder e riqueza no âmbito internacional e dentro dos países.

No passado, quando a capacidade produtiva da humanidade era muito baixa, a concentração do poder e da riqueza foi fundamental para o grande salto realizado na acumulação de capital, ainda que em detrimento de gerações inteiras, que sofreram as conseqüências do baixo atendimento de suas necessidades, e da natureza.

Atualmente, a humanidade já possui uma base de conhecimentos e um estoque de capacidade produtiva que, se bem utilizada, poderia atender as necessidades básicas de todos os seus membros. Por outro lado, as formas de produção atuais já estão atingindo os limites suportáveis pela natureza e cada vez mais gerando crises que afetam seu pleno aproveitamento. O desafio, agora, já não é a acumulação de riqueza e de poder em mãos de minorias, mas o de incorporar a totalidade das populações às decisões políticas e aos benefícios de uma atividade produtiva orientada para o bem comum e a preservação da vida na terra.

Um mundo mais igualitário, certamente, terá problemas que continuarão desafiando a humanidade, mas serão outros e não os que estão aí a perturbar nossas existências, decorrentes da concentração do poder e da riqueza em poucas mãos.